

GRAMÁTICA HISTÓRICO-COMPARATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LÍNGUAS MODERNAS

Allan de Andrade Linhares
Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP
Docente UFPI / Faculdade Maurício de Nassau (Campus Parnaíba)

RESUMO:

O artigo trata das mudanças pelas quais a língua passa no tempo sob a perspectiva das gramáticas comparadas. Objetiva compreender essas mudanças, considerando as origens e o desenvolvimento da Linguística Histórica. Conclui que as gramáticas comparadas colaboram para o entendimento de como várias línguas modernas chegaram a ter as estruturas que hoje têm e, ainda, que elas advêm do tronco indoeuropeu. Mantém, portanto, relação de parentesco.

Palavras-chave: Linguística histórica. Gramáticas comparadas. Evolução das línguas.

Introdução

Entende-se que a maior façanha dos estudos linguísticos do século XIX foi o desenvolvimento do método comparativo, o qual resultou em conjuntos de princípios pelos quais as línguas poderiam ser comparadas no que se refere a seus sistemas fonético, lexical, morfológico, a fim de demonstrar que tinham ligações genealógicas. Assim, este artigo tem o objetivo de compreender o estudo das mudanças das línguas no eixo do tempo, sem deixar, é claro, de conhecer as origens e o desenvolvimento da Linguística Histórica, de forma a compreender os caminhos percorridos por esta disciplina científica.

Guiados pela construção de um processo evolutivo que nos possibilitasse entender as razões e como essas mudanças se processaram, organizamos o trabalho da seguinte forma: inicialmente, estabelecemos as diferenças entre linguística histórica e história da língua, posteriormente, caracterizamos o método comparativo das gramáticas histórico-comparativas, apresentamos alguns expoentes na técnica da comparação histórica, refletimos sobre algumas limitações dessas gramáticas e, por fim, apresentamos as considerações.

Linguística histórica e história da língua

A história da linguística estuda a história de uma ciência, recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo, enquanto a linguística histórica estuda as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa.

O objeto de estudo da disciplina História da língua é uma língua em particular definida temporal e espacialmente. É possível estudar a história do português, do espanhol, do romeno, etc. A preocupação da disciplina é abordar os fenômenos evolutivos de uma língua particular, estudar as relações estabelecidas entre uma língua e a comunidade que a fala, ao longo da história dessa comunidade. Pressupõe-se, nesse sentido, que os fatos linguísticos devem ser correlacionados com fatos históricos que os condicionaram.

A linguística histórica, por sua vez, estuda a mudança linguística de uma ou várias línguas. A mudança é definida como processo pelo qual uma língua viva não fica estagnada, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza para realizar suas práticas sociais.

Nos dois casos, estabelece-se o aspecto mais importante na mudança que é a relação entre língua e sociedade, enfatizando a interferência social na mudança linguística.

Alguns autores postulam, por exemplo, que a palatalização do -s implosivo (s em final de sílaba ou palavra) comum à fala do Rio de Janeiro deve ser atribuída à vinda da família Real no século XIX. Esse uso, em Portugal, teve origem nos dialetos do sul e se propagou para o dialeto popular de Lisboa, sendo acolhido pela corte. Alguns estudiosos entendem que os colonos portugueses que para o Brasil vieram, no século XVIII, não eram portadores dessa variante.

O foco de nossa discussão é estudo das mudanças das línguas no eixo do tempo, sem deixar, é claro, de conhecer as origens e o desenvolvimento da Linguística Histórica, de forma a compreender os caminhos percorridos por esta disciplina científica.

Método comparativo da Linguística Histórica

Um estudo comparativo destina-se à comparação das línguas a partir de similaridades das formas linguísticas, abarcando três aspectos:

- a) Tipológico: distribuição (modelos gerais da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica);
- b) Evolucionista: demonstra caminhos específicos das formas reais das línguas e entre as línguas (postula teoremas universais acerca do desenvolvimento e das mudanças);
- c) Genético: estabelece origem das línguas (movimento dos falantes, características das sociedades primitivas).

A gramática histórica tem por objeto o estudo das transformações de uma língua no tempo e no espaço. É, portanto, diacrônica. A diacronia é uma pesquisa histórica que investiga como a língua evolui e se modifica externamente no tempo. Ressaltamos que todo estudo tem um viés diacrônico, haja vista que é necessário se fazer o recorte no tempo a fim de proceder a uma análise. Como exemplo de um estudo dessa natureza, podemos exemplificar com as transformações do latim para o português no processo de evolução. São os chamados metaplasmos. As palavras não tiveram sempre a forma que hoje apresentam. Como se sabe, a Língua Portuguesa gerou-se numa progressiva emancipação face a outras línguas, que lhe são anteriores, das quais se destaca o Latim. Ao longo de séculos foi sofrendo alterações, umas mais tênues outras mais profundas, até se constituir como sistema linguístico autônomo. Às modificações a que foi sujeita nós chamamos metaplasmos. Essas alterações são apenas fonéticas, conservando, as palavras, a mesma significação.

Estes Metaplasmos manifestam-se de quatro modos: por adição, por supressão, por transposição, por transformação. Exemplificamos alguns casos dessas transformações:

a) Metaplasmos por aumento (adição):

a.1) Prótese: consiste no acrescentamento de um fonema em início de vocábulo:

stare > estar Spiritu > espírito Scutu > escudo

a.2) Epêntese: é o nome que se dá ao acrescentamento de um fonema em interior de palavra:

stella > estrela Humile > humilde Umero > ombro

b) Metaplasmos por transposição: os metaplasmos por transposição podem se dar por deslocamento de **fonema** ou de **acento tônico**.

b.1) Metátese: É a transposição (mudança de um fonema para outro lugar da sílaba) de um fonema dentro da mesma sílaba. Transposição na mesma sílaba ou entre sílaba. É frequente as crianças dizerem, por exemplo, *merlo* em vez de *melro*.

pro > **por** *supre*>*super* *Semper* > **sempre** *cabia*>*caiba*
Inter > **entre** **ravia**>**raiva**

b.2) Hipértese: é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra:

capio > **caibo** *pigritia*>*pegriça*>*preguiça*
primariu > **primairo** > **primeiro**

O deslocamento do acento tônico recebe o nome de hiperbatismo. Tal processo compreende a sístole e a diástole.

b.2.1) Toma o nome de SÍSTOLE, quando o acento tônico sofre um recuo (de uma sílaba para a anterior).

pantanu > **pântano** *amassémus*>*amavissémos*>*amássemos*
Campana > **campa** *Idolu* > **ídolo**

b.2.2) Toma o nome de DIÁSTOLE, quando, inversamente, o acento tônico sofre um avanço (de uma sílaba para a posterior):

limite > **limite** *júdice*> **juiz** *íntegru*>*intégru*>**inteiro**
Ponere > **ponere** *gémitu*>**gemido**

Nas palavras proparoxítonas, cuja última sílaba continha um encontro consonantal constituído por uma **oclusiva** e **R**, o acento tônico sofria *diástole*: *cáthedram* > *cathédra* > **cadeira**; *ténebras* > *tenébras* > **trevas**.

Quando existia *hiato* com o **I** tônico, ocorria a **diástole**:

__ *paríetem* > *pariétem* > **parede**
__ *mulérem* > *muliérem* > **mulher**

Origem das gramáticas histórico-comparativas

A Gramática Comparada ou Linguística Comparada surgiu no século XVII, mas ganhou força somente na primeira metade do século XIX (Alemanha) com os pensamentos voltados para a ideia de um ideal universal das línguas, tendo como referentes razões bíblicas, crenças, formação de uma gramática universal, preocupando-se então com os aspectos diacrônicos das línguas, como elas evoluem. Buscavam compará-las e, assim, encontrar parentescos entre as diversas línguas. É uma proposta de comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual elas se desenvolveram.

Essa nova abordagem dos estudos da linguagem surgiu a partir da constatação da grande semelhança do sânscrito, língua antiga da Índia, com o latim, o grego e com uma grande quantidade de línguas europeias. (MARTELOTTA, 2012). Tal semelhança pode ser exemplificada com os termos correspondentes ao sentido da palavra portuguesa “mãe” (mulher que gera filhos): *maatar*, em sânscrito; *mater*, em latim; *meter*, em grego; *mother*, em inglês, *mutter*, em alemão.

Segundo Martelotta (2012), o que mais chamou a atenção dos comparatistas não foi apenas o grau de semelhança entre as palavras, mas, sobretudo, que as diferenças apresentam alto grau de **regularidade** e **sistematicidade**. Tal fato marcou um “sintoma” da existência de parentesco (origem comum) entre essas línguas.

Coutinho (1976) entende que o método comparativo se fundamenta em relacionar os fatos de uma língua aos análogos de outra da mesma família, para assim lhes descobrir a origem ou procedência.

Como esses cientistas trabalhavam com línguas já desaparecidas, a metodologia comparativa ajudava a relacionar línguas que, supostamente, derivavam dessas línguas mortas. É o que ocorre, por exemplo, com o latim e suas descendentes.

Quadro 1: Regularidades apresentadas nas línguas neolatinas

LATIM	FRANCÊS	ITALIANO	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Caput	chef	capo	cabo	Cabeça
Carus	cher	caro	caro	Caro
Campus	champ	campo	campo	Campo
Caballus	cheval	cavallo	caballo	Cavalo

Fonte: MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) et al. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. Cap. 4, p. 48.

É possível perceber uma regularidade: onde, em francês, temos /s/, nas outras línguas românicas, temos /k/, que também ocorria em latim. Essa correspondência fonética, do tipo s-k-k-k, somada a tantos outros fatores, fornece base (prioridade) para que se proponha uma descendência comum entre essas quatro línguas: o latim. Em essência, esse seria o mecanismo de comparação que caracteriza o chamado método histórico-comparativo. (MARTELOTTA, 2012).

Tal tendência marca o início de uma nova ciência, a Linguística, já que pela primeira vez um grupo de cientistas se interessa por analisar as características inerentes às línguas naturais, sem interesses filosóficos ou normativos, mas observando critérios estritamente linguísticos.

Constituição das Gramáticas Histórico-Comparadas

A época das Gramáticas Comparadas é considerada um importante momento na constituição da Linguística enquanto ciência. Surge no século XIX, século com movimentos e perspectivas bem diferentes dos que aconteceram no século XVII, quando as Gramáticas Gerais surgiram. Enquanto para os pensadores desta época o que importava era o ideal universal, para aqueles o que importava era que as línguas se transformam com o tempo (ORLANDI, 1986). A preocupação maior era com o aspecto diacrônico das línguas, e com a questão de que elas evoluem. Não interessava mais o funcionamento da língua (CARVALHO, 1997).

Embora só tenha “explodido” no século XIX, a Gramática Comparada teve amplo desenvolvimento a partir do século XVII. Todavia estes estudos históricos comparados se orientavam pela vaga ideológica da unidade universal das línguas, fosse por razões bíblicas, fosse pela crença, - não de todo sem fundamento, - de uma gramática universal, ou mesmo do pensamento estóico da existência de étimos naturais. Buscou-se encontrar classes de línguas, ou famílias de línguas que, no decurso das derivações seculares, teriam vindo de unidades anteriores, e estas de novo de unidades mais remotas.

Alguns estudos apontam o final do século XVIII para o início de uma nova reflexão sistemática sobre as mudanças das línguas no âmbito científico. Não que não existissem preocupações com questões de linguagem antes desse período, pois a preocupação em preservar a cultura e o passado existe desde a época da criação da famosa Biblioteca de

Alexandria, quando foram compiladas as obras antigas da literatura grega, sobretudo de Homero. Mas, só a partir de 1500, com o advento da Renascença, aumenta o interesse dos estudiosos pela história cultural, com particular interesse pela filologia, dando origem, assim, à história literária. Isso ocorreu porque, neste período, renascia, no Ocidente, o interesse pelo seu passado que, por sua vez, remetia à antiguidade greco-latina.

O interesse em analisar a estrutura de diferentes línguas surgiu, principalmente, a partir de Gottfried Wilhelm Leibniz, filósofo e matemático alemão que, em 1710, publica, nas atas da Academia de Berlim, *Brevis Designatio Meditationum de Originibus Gentium Ductis Potissimum Ex Indiciis Linguarum* (CÂMARA JÚNIOR).

Com essa publicação, ela chama atenção para a necessidade de se estabelecerem estudos comparativos sobre as línguas, abandonando ideias preconcebidas acerca da essência da linguagem. Isso daria caráter empírico e comparativo que marca as pesquisas linguísticas do séc. XIX. Para Leibniz, nenhuma língua histórica é a fonte das línguas no mundo, uma vez que deve ser derivada de uma protolíngua. O exemplo disso seria o indoeuropeu. Esse pensamento sintetiza a base da linguística histórico-comparativa.

No século XVIII, Leibniz e Catarina a Grande da Rússia prosseguiram mais detalhadamente o trabalho de comparação das línguas, visando mostrar uma unidade geral. Catarina a Grande patrocinou a publicação (1787-1789) de um trabalho do naturalista alemão Peter Simon Pallas (1741-1811), intitulado *Vocabulários Comparativos das Línguas do Mundo Inteiro (Linguarum Totius Orbis Vocabularia Comparativa)*. A listagem compara os termos de 51 línguas e dialetos europeus, com 200 idiomas asiáticos. Pouco antes Lorenzo Hervas e o jesuíta espanhol Panduro publicaram, de 1778 a 1787, uma enciclopédia de 20 tomos - *Idea dell'universo* - em que o 17-o trata das "afinidades e diversidades" entre as línguas, comparando 300 línguas, europeias, asiáticas, ameríndias. Declara-se que as afinidades são gramaticais e não lexicais, o que antecipa conceitos básicos sobre o quais se desenvolveu depois a Linguística. (ROBINS, 1983).

A gramática histórico-comparativa abandonou os princípios que regiam a tradição gramatical de base grega. A visão aristotélica vinha sofrendo sérios abalos, sobretudo a partir do séc. XVII, com o surgimento da ciência moderna. (Copérnico, Galileu, Newton, etc). As propostas aristotélicas, base para estudos da linguagem até o século XVIII, apresentavam um conjunto de ideias preconcebidas a respeito da essência da linguagem que não eram resultantes de estudos empíricos, ou mesmo de maiores debates, constituindo, ao contrário,

uma posição filosófica a que se chegou com base na especulação “a priori”. Isso contrasta com a mentalidade científica do século XIX, em que Augusto Comte propõe seu sistema filosófico chamado positivismo, caracterizado pela ênfase na experimentação, em oposição à especulação. Esse novo momento seria, portanto, um ambiente contextualizador da gramática histórico-comparativa.

Costuma-se dizer que a gramática histórico-comparativa se desenvolveu em função dos seguintes fatores:

- a) O surgimento do Romantismo na Alemanha;
- b) A descoberta do sânscrito, antiga língua da Índia, que se mostrou muito parecida com as línguas da Europa;
- c) O surgimento das ideias de Darwin.

A abordagem histórica da linguagem foi iniciada nos séculos XVII e XVIII (comparando e classificando as línguas de acordo com sua origem hipotética). A linguagem era vista através de uma linha histórica de desenvolvimento, na qual uma língua antiga dá origem a uma ou a várias línguas novas. Concepção subjacente à linguística histórico-comparativa que se desenvolveu no século XIX.

Exponentes na técnica da comparação histórica

O dinamarquês Rask foi considerado o primeiro estudioso a fazer progressos na técnica da comparação histórica. A Academia Dinamarquesa de Ciências, em 1881, estabeleceu um prêmio de competição cujo assunto era “a investigação de que fonte a velha língua escandinava poderia ter-se originado”. O livro de Rask não foi publicado durante muito tempo. Por essa razão, Franz Bopp, cujo trabalho surgiu um pouco mais tarde, é considerado o fundador da Ciência Histórico-Comparativa da Linguagem.

As ideias principais, entretanto, que deram à comparação histórica das línguas um método científico, em lugar das suposições do séc. XVIII, são claramente expostas por Rask. Insiste na importância das comparações gramaticais em vez de aproximar palavras cuja concordância é incerta, por poderem passar facilmente de um povo para outro.

As inflexões morfológicas, ao contrário, afirma ele, são raramente ou nunca tomadas de uma língua para outra. Rask se apoia também, entretanto, na concordância entre as palavras

mais essenciais, mais concretas e mais indispensáveis. Constatou, por outro lado, que há uma regularidade nas passagens das vogais e consoantes de uma dada língua, comparada a outras com as quais têm relações de parentesco.

Em sua investigação foi bem-sucedido ao descobrir, de maneira mais ou menos aproximada, o grupo de línguas que viriam a ser chamadas mais tarde de família indo-europeia ou indo-germânica. Incluiu, nesse grupo, cinco grupos menores: o gótico, isto é, as línguas germânicas, entre as quais colocou o escandinavo, o eslavo, o lituano, o latim e o grego. Cometeu o equívoco de deixar fora o celta. Não viu a relação entre este ramo europeu de línguas e as línguas asiáticas e persas. Posteriormente, corrigiu esses dois pontos.

O grande mérito de Rask foi dar os primeiros passos firmes em direção à Gramática Comparativa. Considerado o grande pioneiro do *Estudo histórico da linguagem* (modalidade da ciência da linguagem). A história da linguística teve seu verdadeiro início. A gramática do sânscrito e a gramática hindu têm estímulo inesperado para a Linguística. Os gramáticos hindus dedicaram-se ao estudo do valor e do emprego das palavras e fizeram excelentes descrições fonéticas. Essas descrições foram descobertas pelos sábios ocidentais nos fins do século XVIII, o que serviu como ponto de partida para a criação da gramática comparada.

O grande impulso para a elaboração de estudo histórico da linguagem teve início depois da descoberta do sânscrito e da cultura da Índia pelos estudiosos europeus no começo do século XIX. A marcha para a linguística, que começara desde o século XVIII, na Europa, recebeu da gramática do sânscrito e da gramática hindu estímulo inesperado.

Foi também, no final do século XVIII, que William Jones apresentou um trabalho no qual destacava várias semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego. A partir daí foram desenvolvidos muitos outros trabalhos relacionados ao sânscrito. E foi somente no século XIX que os estudos comparatistas se iniciaram na Alemanha com Friedrich Schlegel, no entanto, foi Franz Bopp que demonstrou, através da comparação detalhada, que havia, entre as línguas indo-europeias, uma origem comum.

Com a publicação do seu livro, em 1816, *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica* (observou aspectos morfológicos), na busca da *Protolíngua*, Bopp dá origem ao método comparatista, utilizando em seus estudos a classificação genealógica, ou seja, considerando aquelas línguas que se desenvolveram a partir de um único idioma, conseguindo, através dos seus estudos, estabelecer as semelhanças existentes entre as línguas clássicas, o que justificava a origem

comum dessas línguas. Mesmo se concentrando apenas na língua sagrada dos hindus, ele apresenta, segundo Foucault (1992), uma série de critérios que caracterizam internamente as distinções entre as línguas, quais sejam:

[...] proporção entre os diferentes sons utilizados para formar palavras (há línguas de predominância vocálica e outras de predominância consonântica), privilégio concedido a certas categorias de palavras (línguas de substantivos concretos, línguas de substantivos abstratos etc.), maneira de representar as relações (por preposições ou por disciplinações), disposição escolhida para colocar as palavras em ordem (quer se coloque de início, como os franceses, o sujeito lógico, quer se dê a primazia às palavras mais importantes, como em latim) (FOUCAULT, 1992, p. 298).

Segundo Ilari (1999), o método utilizado por Bopp, que foi aplicado por Jacob Grimm nos estudos das línguas germânicas, deu ao estudo das línguas um caráter genético, e fez aparecer a preocupação de reconstruir, pela comparação, o indo-europeu, considerado como a língua comum das línguas das principais culturas clássicas. No entanto, foi Grimm quem identificou que havia mudanças fonéticas entre as línguas de uma época para outra e juntou o estudo histórico ao comparativo, assim surgiu a linguística histórico-comparativa.

Com a comparação do sânscrito com outras línguas, notou-se parentesco entre o sânscrito, línguas gregas, latinas, persas e germânicas, atribuindo a essa "família" de línguas o nome de Indo-europeias. Os estudiosos que voltam seus estudos para as línguas Indo-europeias consideram essas línguas sendo de uma mesma família com uma origem em comum, o Indo-Europeu, o que poderíamos chamar de proto-língua. Chegou-se a essa observação através do método comparativo.

Orlandi (2002) diz que a grande contribuição das Gramáticas Comparadas foi evidenciar que as mudanças sofridas pelas línguas são regulares, têm uma direção. Não são caóticas como se pensava. No século XIX, para mostrar a regularidade das mudanças, alguns gramáticos históricos, os *neogramáticos*, chegaram a enunciar leis para as mudanças da língua: as leis fonéticas. Por elas, os estudiosos procuravam explicar a evolução da língua.

Grimm, além de interpretar as correspondências fonéticas como o resultado de transformações históricas, enumerou algumas regularidades associadas a essas correspondências, que constituíram o que ficou conhecido como a *Lei de Grimm*. Essa lei registra um processo histórico que consiste em uma mutação ocorrida nas consoantes oclusivas em um ponto da evolução das línguas germânicas, nas quais as oclusivas surdas

tornaram-se aspiradas, e as sonoras tornaram-se surdas. Diferença básica existente entre o grupo germânico das outras línguas.

Limitações da Gramática Histórico-Comparativa

Segundo Martelotta (2012), a gramática histórico-comparativa possui algumas limitações no que se refere à descrição do modo mais completo da estrutura gramatical das línguas. Assim, aponta:

- a) Restringiram sua visão a uma abordagem histórica do funcionamento gramatical, vendo-o como resultado de mudanças linguísticas regulares (*Deixam de lado a descrição do funcionamento da língua como um sistema de comunicação utilizado por falantes que, mesmo não conhecendo a história da língua, comunicam-se perfeitamente*);
- b) Produziram conhecimento sobre a história das línguas, observando-as a partir de sua estrutura interna (*Não chegou a construir uma teoria consistente sobre a estrutura do funcionamento das línguas naturais. A corrente colocou, sobretudo através dos neogramáticos, a mudança linguística no âmbito do indivíduo, mas não explicitou, de modo mais sistemático, como os contextos de comunicação poderiam interferir no uso individual, limitando-se, nesse sentido, a descrever processos de analogia e empréstimo*).
- c) Os comparatistas analisavam a língua em elementos isolados, ocupando-se em seguir suas transformações sem observar o funcionamento desses elementos dentro dos sistemas linguísticos de que faziam parte (abordagem atomista).

Para Saussure (1975), como o valor do elemento depende do papel que desempenha no sistema da língua, não levar em conta esse fator constituiu uma falha e levou os comparatistas a conclusões precipitadas.

Considerações finais

A gramática histórico-comparativa não foi um movimento unificado, como em geral ocorre com as escolas científicas. Teve o mérito de desenvolver um método empírico de comparação entre estágios da língua e de propor conceitos básicos acerca do funcionamento da linguagem.

Rompendo com a tradição aristotélica que dominava os estudos linguísticos até o século XVIII, os comparatistas, céticos em relação à universalidade proveniente de uma base lógica grega, ressaltam o caráter mutável das línguas.

A grande contribuição das Gramáticas Comparadas foi evidenciar que as mudanças sofridas pelas línguas são regulares, têm uma direção. Não são caóticas como se pensava.

O estudo realizado nos possibilitou perceber que as gramáticas comparadas colaboram, significativamente, para o entendimento de como várias línguas modernas chegaram a ter as estruturas que hoje têm e, ainda, constatar que advêm de um mesmo tronco, o indo-europeu, logo, elas mantêm relação de parentesco.

Referências

CAMARA JUNIOR, J. M. **História da linguística**. 6. ed. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, [s.a].

CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**. Petrópolis: Vozes, 1997.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1999.

MARTELOTTA, J. M. Conceitos de gramática. In: _____ (Org.) et al. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ORLANDI, E.P. A análise de discurso e seus entremeios: notas sobre a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 21- 40, jan./jun. 2002.

ROBINS, R. H. **Pequena história da lingüística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1983.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

ABSTRACT:

The article deals with the changes that the language passes in time from the perspective of comparative grammars. It aims at understanding these changes, considering the origins and development of Historical Linguistics. Concludes that the grammars compared collaborate to understand how several modern languages came to have the structures that have today and also that come from the Indo-European trunk. Therefore maintains kinship.

Keywords: Historical Linguistics. Comparison between grammars of different languages. Evolution of the languages.

Data de envio: Novembro/2014

Aprovado para publicação: Abril/2015